

## DATAÇÃO PALEOECOLÓGICA DAS GRAVURAS DO CÔA\*

por

**A. Bracinha Vieira\*\***

Há cerca de vinte mil anos, a última glaciação atingia o apogeu, apesar de períodos intercalares breves, de mais ou menos um milhar de anos, que a entrecortaram (como o «interestádio de Lascaux»), amenizaram o clima e modificaram momentaneamente a composição e a distribuição da flora e da fauna. Dobrados tais períodos, voltava o extremo rigor do clima.

Entre treze e doze mil anos antes do presente, o «aquecimento de Alleröd» constituiu a última dessas fases interglaciares, seguida ainda de breve período de arrefecimento, após o qual a paisagem de estepe fria e pouca arborizada deu lugar, na Europa Ocidental, à propagação de florestas densas. Estas transformações climáticas e ecológicas deram-se há perto de onze mil anos e correspondem ao início do Holoceno, último período do Quaternário, em que ainda nos encontramos.

Clima, flora e fauna modificaram-se então radicalmente na Eurásia: a floresta ocupou grande parte da extensão da tundra-estepe. Mamutes, rinocerontes lanudos e bisontes lanudos desapareceram; as populações de cavalos deslocaram-se para leste. Extinguiram-se algumas espécies de grande mamíferos; outras, como a rena, o boi almiscarado e o glutão, confinaram-se à região periarctica; outras ainda, como o antílope saiga, as zonas da estepe siberiana; outras enfim, como o boquetim e a camurça, sobreviveram nos maciços montanhosos.

No espaço europeu, estas transformações da paisagem fizeram-se acompanhar de uma metamorfose rápida da cultura material e espiritual das populações humanas: bases da economia, mas também crenças e sistemas míticos; modo, objecto e estilo da expressão artística, sofreram um corte abrupto com a tradição paleolítica. Assim o ilustra a chamada arte do Levante espanhol, epipaleolítica: aqui, pela primeira vez na pré-história da arte ocidental, homens e animais são

---

\* Divulgado no jornal *Público*, de 31-08-95.

\*\* Professor Catedrático de Antropologia da Universidade Nova de Lisboa.

representados em paridade de estilo e composição, integrando cenas descritivas.

Com o aparecimento destas culturas pós-glaciares, o Paleolítico desapareceu da Europa. Persistiu noutras zonas do mundo, e chegou até ao século XIX, como o testemunharam os Tasmanianos, última população paleolítica da Terra, dizimada até ao último indivíduo pela colonização inglesa.

A fauna representada no Vale do Côa reflecte a existência e um ecossistema peculiar, que existiu no Sudoeste da Europa durante os últimos tempos da Idade do Gelo, e no qual se combinaram áreas de estepe fria com zonas arborizadas de bosques de folha caduca. Todos os cavalos ali gravados que pude observar diferem dos actuais: antes são semelhantes ao tarpan e ao cavalo de Przewalski, cujas últimas manadas vivem hoje em estepes planálticas da Mongólia.

As proporções corporais destes cavalos de outra ou de outras espécies, ou talvez subespécies, diferentes das dos cavalos actuais, reflectem uma adaptação ao frio: corpo e pescoço espessos, ventre redondo, patas curtas e finas destinadas a reduzir as perdas calóricas, cascos largos – traços a que se juntam a existência inconfundível de uma crina erecta, que se prolonga por uma banda escura até à cauda, e de uma pelagem de inverno (que também se desenvolvia sazonalmente nos auroques).

Estes cavalos desapareceram definitivamente da Península Ibérica com o termo da última glaciação, e é incoerente admitir que os artistas do Côa descreveram em gravuras traçadas com rigor naturalístico formas de animais inexistentes no seu mundo. Tais factos só por si não permitem atribuir às gravuras datações inferiores a onze mil anos antes do presente.

A curiosa fauna de grandes mamíferos do Pleistoceno final encontra-se bem ilustrada pelas gravuras do Vale do Côa. No «local 3» da Canada do Inferno, pouco acima do nível actual das águas, observa-se a gravura de um felino: tamanho relativo e configuração da cabeça, ondulado da linha dorsal, forma e posição das patas, não podem deixar dúvidas. É impossível caracterizar a espécie a que pertence, mas trata-se nitidamente de um animal do género «Panthera», que é representado no fim dos tempos glaciares por espécies de grande porte, como o leão das cavernas, figurado em algumas das grutas ornamentadas franco-cantábricas, entre os quais Lascaux.

Se passarmos ao painel de animais sobrepostos e entrecruzados de Penascosa, o grande cervídeo que se encontra virado para a direita de quem olha, emaranhado nos contornos de um auroque e de um tarpan, representa bem provavelmente «Megaceros giganteus», o veado gigante das turfeiras: assim o indicam a sua grande estatura, a angulação do dorso e as dimensões e morfologia das hastes em perfil. Este animal, adaptado aos climas frios, também desapareceu do Sul e Ocidente da Europa há cerca de onze mil anos. Dele há representações rupestres em várias cavernas (como Pair-non-Pair, Cougnac e Pech-Merle); embora raro na

arte parietal, compreende, segundo André Leroi-Gourhan, 0,4% do total de figuras parietais paleolíticas que estudou.

Estilo, estrutura das composições, proporções e relações entre os animais representados, correspondem basicamente ao que se conhece das cavernas e abrigos rochosos ornamentados na área franco-cantábrica – tendo em conta óbvias diferenças regionais de execução e da própria megafauna, e os estilos cronológicos sucessivos. As diferenças faunísticas são sensíveis entre as grutas do País Basco e as dos vales da Dordogne e do Ariège.

Uma hipótese de reconstituição da paleoecologia a tentar consistiria numa análise palinológica do fundo de certas incisões (as gravuras foram feitas com técnicas diferentes, como tem sido divulgado, e algumas foram retocadas). Quando se trata de fósseis, usa-se por vezes este método indirecto de datação, que permite situar o organismo no seu mundo. Uma lavagem com meios especializados permite recolher poeiras microscópicas contidas na espessura das fissuras de um fóssil. O exame em microscópio electrónico de «scanning» leva então a identificar os pólenes e classificar os géneros, por vezes mesmo as espécies vegetais a que pertencem, dando indícios cruciais sobre a flora dominante, o clima e conjunto paleoecológico.

Não sei que esta técnica tenha sido algumas vez aplicada ao estudo de gravuras a céu aberto. Se surtir efeitos nas gravuras do Côa, será de considerar que as formas vegetais identificáveis, outrora levadas pelos ventos e conservadas no fundo das incisões, e os ambientes de que provieram, nunca teriam idade anterior, podendo em contrapartida ser muito posteriores. Como as técnicas de gravação variam nos acervos de gravuras distribuíveis ao longo de quase vinte quilómetros do rio (além de que Siega Verde se integra na mesma área cultural), a palinologia, a ser usada, deveria com certeza comparar amostras recolhidas em vários pontos dos diversos tipos de incisões.

Só um estudo transdisciplinar convergente pode clarificar sob ângulos diversos e complementares a datação das gravuras do Côa. Por isso, não é fácil de compreender a interdição oficial (zonas vedadas) a estudos por investigadores independentes e mesmo à observação dos locais por visitantes anónimos que ali acorrem – quando as figuras vão ser submersas, ou cortadas e retiradas dos seus locais, isto é, desnaturadas. Nalguns pontos, as gravuras perdem-se ao nível do solo, mas nem assim parece facilitado um trabalho metódico, rigoroso e independente de prospecção. Proteger as gravuras é fundamental, não enclausurá-las! Contaram-me, de resto, ao visitar Penascosa, que os meios rudes e o descuido postos em instalar a cerca «protectora» tinham fracturado uma rocha que continha incisada uma cabra selvagem...

De momento, os dados paleofaunísticos tais como estão expressos nas gravuras são eloquentes por si mesmos e designam sem dúvida o Paleolítico superior.

É inaceitável supor deter o monopólio da verdade perante um problema complexo, transdisciplinar por natureza, só por dispor de uma tecnologia recente, de aferimento precário e fundamento frágil, sem que se pondere a inverosimilhança das conclusões.

Absurdo é tentar a datação das gravuras rupestres sem olhar as imagens, a paisagem, o mundo em volta, sem considerar em si a profundidade dos tempos e do espaço. Sair de um laboratório e ser colocado frente a um xisto gravado, executar nele técnicas minuciosas (mas de fiabilidade insuficiente) sem olhar em redor, e passar da microscopia dos sulcos à afirmação peremptória de resultados, pode levar a conclusões ridículas – como as que foram divulgadas –, por impossíveis.